

Leonardo Boff*

A relevância da compaixão na situação atual

Estamos assistindo nos dias atuais a guerras em muitos países, especialmente na Faixa de Gaza onde ocorre um dos maiores genocídios da história presente, na guerra contra a Ucrânia na qual milhares, especialmente, jovens são mortos sob o ataque implacável da Rússia e assim em outros lugares, em particular, na África.

Como não se indignar contra o genocídio de milhares de crianças inocentes que nada têm a ver com a guerra que Israel move contra o Hamas, atingindo indiscriminamente toda a população da Faixa de Gaza e visando exterminar especialmente crianças e jovens que no futuro poderiam ser contra o Estado de Israel.

A ética para ser plenamente humana, precisa incorporar a compaixão. Há muito sofrimento na história, sangue demasiado em nossos caminhos e interminável solidão de milhões e milhões de pessoas, carregando sozinhas, em seu coração, a cruz da injustiça, da incompreensão e da amargura. O ethos que se compadece quer incluir a todos esses no “ethos” planetário, vale dizer, na Casa Comum na qual há acolhida e as lágrimas podem ser choradas sem vergonha ou enxugadas carinhosamente. A compaixão é a ética natural dos operadores de saúde, especialmente daqueles que assumiram os serviços de cuidados paliativos, agora aprovados para serem feito através do SUS.

O movimento nacional Premier Cuidados Paliativos promovido pelo generoso Dr.Samir Salman, de São Paulo superintendente do Instituto Premier, envolve centenas de médicos, medicas e corpo de enfermagem que assumiram a prática dos cuidados paliativos.

Para Tomás de Aquino “a compaixão é a mais elevada de todas as virtudes porque não somente abre a pessoa para a outra, mas porque a abre também para a mais fraca e mais necessitada de ajuda; nesse sentido constitui uma característica essencial da Divindade” (S.Theologica II.q.30 a.4 c).

Mas precisamos, antes, fazer uma terapia da linguagem pois,a compaixão possui, na compreensão comum, conotações pejorativas.

Ter compaixão significa apiedar-se do outro, porque o considera desamparado, sem energia interior para se erguer. Supõe a atitude de quem olha de cima para baixo, humilhando-o.

No cristianismo dos primórdios, no entanto, com-paixão era sinônimo de misericórdia, aquela atitude generosa que quer compartilhar a paixão com o outro e não deixá-lo sozinho em sua dor. Isso não é fazer “caridade”, criticada pelo poeta cantante argentino Atauhalsa Yupanqui: “eu desprezo a “caridade” pela vergonha que encerra. Sou como o leão da serra que vive e morre em solidão”. Di-

versamente os seres humanos são, em geral, acompanhados no tramontar de suas vidas, por pessoas queridas e que os cercaram com os cuidados paliativos.

No budismo a compaixão é considerada a virtude pessoal de Buda. Por isso é central e tem a ver com a questão que fez nascer o budismo como caminho espiritual: “qual é o melhor meio para libertar-nos do sofrimento”? A resposta de Buda foi: “pela com-paixão, pela infinita com--paixão”.

Dalai Lama atualiza essa ancestral resposta desta forma: “ajude os outros sempre que puder e se não puder, jamais os prejudique e tenha sempre compaixão”.

Duas virtudes realizam a compaixão: o desaparego e o cuidado. Pelo desaparego renunciamos a qualquer sentimento de superioridade face ao outro e o respeitamos assim como ele é. Pelo cuidado nos aproximamos dele e zelamos pelo seu bem estar socorrendo-o no sofrimento.

A compaixão talvez seja a contribuição ética e espiritual maior que o Oriente deu à cultura mundial. O que torna o sofrimento penoso não é tanto o próprio sofrimento. Mas a solidão no sofrimento. O budismo e também o cristianismo convocam a estabelecer uma comunidade no sofrimento para que ninguém fique só e desamparado em sua dor.

A grande vergonha é constatar que os países europeus, de raiz cristã, criadores dos direitos do homem e da ideia de democracia, apoiaram a guerra genocida de Netanhayu contra o Hamas e o povo palestino.

Como o amor e o cuidado, assim a compaixão tem um campo ilimitado de realização. Não se restringe apenas aos seres humanos. Mas a todos os seres vivos e ao cosmos. O ideal budista e franciscano de compaixão nos ensina como nos relacionar adequadamente com a comunidade de vida: primeiro respeitar cada ser em sua alteridade, em seguida estabelecer um laço afetivo para com ele, cuidar dele e especialmente regenerar aqueles seres que sofrem ou estão sob ameaça de extinção. Só então nos podemos beneficiar com seus dons, na justa medida e com responsabilidade, em função daquilo que precisamos para viver de forma suficiente e decente.

Face a tantos padecimentos na humanidade e agressões sistêmáticas à Mãe Terra a compaixão é um imperativo humanístico e ético.

***Leonardo Boff junto com Werner Müller escreveu O princípio de compaixão e de cuidado, Vozes 2000; A justa medida: como equilibrar o planeta Terra, Vozes 2023.**

EDITORIAL

Será que sabem o que é ser influenciador?

O mundo digital criou uma figura que, até pouco tempo atrás, não existia: o influenciador. Hoje, há um para cada gosto, nicho e público. Do humor ao fitness, da maquiagem à política, não há área que não tenha seu “porta-voz” digital. A promessa é simples: aproximar pessoas, inspirar e, como o próprio nome indica, influenciar. Mas aqui está a questão central: será que essa influência tem sido usada de forma responsável?

Não é raro abrir os jornais ou navegar por sites de notícias e encontrar manchetes sobre influenciadores envolvidos em escândalos. Brigas públicas, apologia a jogos de azar disfarçados de plataformas de entretenimento, envolvimento com drogas, episódios de agressões ou acidentes em circunstâncias duvidosas. O que deveria ser um espaço de exemplo positivo, muitas vezes, se transforma em palco de comportamentos questionáveis, transmitidos para milhões de seguidores em tempo real.

A palavra “influenciador” carrega em si uma responsabilidade imensa. Influir é muito mais do que entreter ou vender um produto. É formar opinião, é moldar comportamentos, é inspirar escolhas. O alcance digital, por vezes, supera o de veículos tradicionais de comunicação, mas sem os filtros éticos e editoriais que historicamente temperam a imprensa. Um desliz, uma fala impensada ou uma atitude irresponsável pode repercutir em milhares de jovens que enxergam nesses personagens uma referência de vida.

É claro que o fenômeno dos influenciadores não pode ser analisado apenas pelo prisma negativo. Muitos têm se mostrado vozes importantes em causas sociais, ambientais, culturais e até políticas. Há quem use sua visibilidade para educar, conscientizar e gerar impacto positivo. Esses, sim, entendem que o título que carregam não é apenas um rótulo mercadológico, mas um compromisso com quem os acompanha.

O problema está na banalização do termo. Qualquer perfil com certo número de seguidores passa a se autoproclamar “influenciador”, sem refletir sobre o peso desse papel. O resultado é um mercado saturado, onde a busca por engajamento rápido muitas vezes se sobrepõe à qualidade do conteúdo. Likes valem mais do que valores, e a audiência é medida em curtidas, não em confiança.

É hora de refletirmos: quem influencia quem? E para quê? A sociedade, que antes depositava nos mestres, nos líderes comunitários, nos jornalistas e em figuras públicas de credibilidade a missão de orientar e inspirar, hoje vê jovens anônimos transformados em referências instantâneas. A mudança não é, em si, ruim. Mas é perigosa quando não vem acompanhada de responsabilidade.

Ser influenciador não deveria ser apenas uma profissão da moda. Deveria ser um compromisso ético. A palavra que arrasta multidões precisa ser usada com consciência. Porque, no fim, todo influenciador precisa se lembrar: quando alguém escolhe segui-lo, não está apenas clicando em um perfil. Está, de alguma forma, confiando-lhe o poder de influenciar sua vida.

Brasília: cidade de quem?

A Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios Ampliada (PDAD-A) de 2024 mostrou que residem no Quadradinho cerca de 2,9 milhões de pessoas. Já na região metropolitana de Brasília, que envolve também 11 municípios goianos, moram mais de 4,2 milhões.

A capital federal, ainda hoje, é um tema controverso no país. Alguns a elogiam pela arquitetura e outros a detestam por inúmeros motivos relacionados à política. Basta uma curta olhada no X (antigo Twitter) para ver que esse segundo grupo gosta muito de manifestar sua insatisfação com a maior cidade planejada do século 20.

Se alguém de fora do DF criticar a cidade para um morador daqui, é provável que este o defenda — principalmente se residir no Plano Piloto, onde Brasília realmente se localiza. Agora, se a crítica for feita a um cidadão que habita as regiões administrativas ou nos municípios do entorno goiano, pode ser que a defesa não seja tão ferrenha assim.

O que explica essa diferença de posicionamento? As áreas residenciais do Plano foram as mais planejadas do Quadradinho. Arborizadas, com grandes espaços de lazer e praças de convivência. Bem localizadas e não deixam a desejar quanto a serviços, comércio e as mais diversas opções de divertimento (sejam pagas ou gratuitas). Têm tudo ali, pertinho. Isso sem considerar a tranquilidade, visto que os ambientes caóticos e de maior movimento estão setorizados para não prejudicar a experiência de morar na Capital Federal.

Mas quantos brasilienses moram no Plano? Bom, segundo a mesma PDAD-A, pouco mais de 207 mil, o que totaliza 7,14% dos habitantes do DF — uma porcentagem que cai para 4,3% se comparada ao total da região metropolitana da capital. E, para quem não mora ali, o que sobra?

Segundo a mesma pesquisa, e com dados analisados na coluna Brasilianas do Correio da Manhã, a parcela de moradores das regiões administrativas que trabalha no Plano caiu de 40,7% em 2021 para 34,4% em 2024. Esse valor ainda representa pouco mais de 1 milhão de pessoas.

1 milhão de pessoas que percorrem até 35 quilômetros diariamente para trabalhar. Enfrentando longos engarrafamentos de carro ou lidando com a lotação do transporte público. 1 milhão de pessoas que saem de casa, muitas vezes, de madrugada e retornam apenas ao fim do dia — quando não tarde da noite.

O planejamento que se tem no Plano não parece estar presente nas outras regiões, que pouco dispõem de infraestrutura pública para lazer, mobilidade urbana e, quiçá, planejamento para arborização. Acho que eu também não defenderia a Capital assim, não ao menos, se este cenário não mudar. Por isso, pergunto: Brasília, cidade de quem?

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

A inteligência artificial (IA) vai gerar milhões de empregos

1-PEDIDO DE EXTRADIÇÃO. Por Rodrigo Castro. Alexandre de Moraes pediu a extradição de seu ex-assessor Eduardo Tagliaferro, denunciado pela PGR - Procuradoria Geral da República - por ter agido contra a legitimidade do processo eleitoral e atuar para prejudicar as investigações de atos antidemocráticos. Segundo a PGR – Procuradoria Geral da República -, Tagliaferro vazou informações confidenciais com intuito de obstruir investigações e favorecer interesses próprios e de terceiros. (...) (O GLOBO)

2-TRUMP TROCARÁ BOLSONARO POR TARCÍSIO. O imperialista Trump será o próximo a trocar Jair Bolsonaro por Tarcísio de Freitas no ‘quintal dos EUA’ – Estados Unidos da América. Por Eliane Cantanhêde. (...) (O ESTADO DE S. PAULO)

3-REELEIÇÃO OU PRESIDÊNCIA? Tarcísio de Freitas muda discurso interno, admite disputar o Planalto e se prepara para dois cenários em 2026. Governador paulista calibra comunicação. Por Bianca Gomes e Pedro Augusto Figueiredo. O

governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), desenhou uma estratégia para manter abertas duas opções em 2026: a reeleição no Estado ou uma candidatura à Presidência. O governador reitera que qualquer movimento dependerá de um pedido expresso do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), a quem afirma ser leal. (...) (O ESTADO DE S. PAULO)

4-MINISTROS SE CALAM SOBRE BOLSONARO. Ministros se calam sobre menção de Bolsonaro a conversas com STF – Supremo Tribunal Federal - em meio a processo. Ex-presidente relatou a Eduardo Bolsonaro que havia falado com magistrados e pediu para poupar Gilmar Mendes. Por Guilherme Seto. (...) (FOLHA DE S. PAULO)

5-JORNAL SEM JORNALISMO. Jornal sem jornalismo: plataformas usam IA – (Inteligência Artificial) para burlar direitos autorais de veículos de imprensa. Por ABJ. Em meio ao vácuo legal em torno do desenvolvimento da inteligência artificial (IA) e suas aplicações, veículos de imprensa têm seu conteúdo apropriado

por plataformas que usam a nova tecnologia para capturar, resumir e redistribuir material jornalístico sem autorização dos produtores nem remuneração. (...) (https://www.assbrasiljornalistas.org/)

6-GERAÇÃO DE MILHÕES DE EMPREGOS. A inteligência artificial (IA) vai gerar milhões de empregos, prevê diretor da OpenAI no Brasil. Líder da dona do ChatGPT na América Latina, Nicolas Robinson Andrade, vê uso criativo pelo brasileiro, mas teme que regulação limite aplicação local da tecnologia. Por Juliana Causin. O entusiasmo com o país, no entanto, diminui quando o tema é regulação. Ele está preocupado o avanço rápido da IA generativa e a tramitação de um marco regulatório no Congresso. Em entrevista ao Globo, ele explica porque a empresa tem se posicionado de forma contrária ao texto em discussão. (...) (...) (O GLOBO) Protecionismo no Brasil estrangula produtividade e renda da população. Por Fernando Canzian. (...) (FOLHA DE S. PAULO) O nome “ChatGPT” combina “Chat”, referindo-se à sua

funcionalidade de chatbot (programa de computador que permite uma interação entre humano e máquina de forma mais próxima da linguagem humana), e “GPT”, que significa Generative Pre-trained Transformer (Transformador Pré-treinado Generativo). (...) (WIKIPÉDIA)

7-REPENSANDO EXPOSIÇÃO DOS FILHOS NAS REDES SOCIAIS. Pais repensam exposição de filhos nas redes após repercussão de denúncia do youtuber Felca. Compartilhamento de fotos de vídeos de crianças e adolescentes é prática que requer cuidados, segundo especialistas. (...) Se não sente indignação, não é um ser humano, diz Felca sobre vídeos com exploração de crianças. Youtuber afirma em entrevista ser alvo de movimento de difamação após publicar conteúdo com denúncias. (...) (FOLHA DE S. PAULO)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: BRASIL ABRE SINDICÂNCIA SOBRE CÔNSUL

As principais notícias do Correio da Manhã em 26 de agosto de 1930 foram: Congresso alemão aprova a nova lei eleitoral, dividindo

o território em 172 distritos. Oposição agita-se contra o presidente Irigoyen e polícia argentina é acionada para conter manifestantes na Casa

Rosada. Governo brasileiro abre sindicância para apurar caso do Cônsul do Porto. Brasil indifere sobre Epitácio Pessoa na Corte de Haia.

HÁ 75 ANOS: TROPAS DA ONU GANHAM REFORÇOS NA GUERRA DA COREIA

As principais notícias do Correio da Manhã em 26 de agosto de 1950 foram: UDN define cronograma da excursão de Eduardo Go-

mes no interior de São Paulo. Tropas da ONU em Hong Kong a postos para partir para a Coreia. Revelações preliminares do Censo revelam que

a cidade de São Paulo tem 2,2 milhões de habitantes. Árbitros ingleses podem apitar jogos mais importantes do Carioca

Correio da Manhã

Fundado em 15 de junho de 1901

Edmundo Bittencourt (1901-1929)
Paulo Bittencourt (1929-1963)
Niomar Moniz Sodré Bittencourt (1963-1969)

Patrick Bertholdo (Diretor Geral)
patrickbertholdo@correiodamanha.net.br

Claúdio Magnavita (Diretor de Redação)
redacao@jornalcorreiodamanha.com.br
Redação: Gabriela Gallo, Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Pedro Sobreiro, Rudolfo Lago (editor), William França e Rafael Lima
Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil
Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) e Thiago Ladeira
Telefones (21) 3042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872
Whatsapp: (21) 97948-0452
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
Rio de Janeiro - RJ CEP 22775-057
Brasília: ST SIBSQuadra 2 conjunto B Lt 10 - Nucleo Bandeirantes
Brasília - DF CEP 71736-202
www.correiodamanha.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.